

HISTÓRIAS DE ÁGUA: O IMAGINÁRIO MARÍTIMO EM NARRATIVAS BRASILEIRAS, PORTUGUESAS E AFRICANAS, DE KATHRIN SARTINGEN E STEFANIA CHIARELLI

Allysson Casais¹

Na série de obras “Portas ao mar”, o artista visual colombiano Santiago Vélez representa o mar como espaço geopolítico. As imagens de portas fechadas flutuando nas águas são desestabilizadoras. Ao mesmo tempo que elas capturam o desespero do deslocamento migratório (o que leva indivíduos a se lançarem ao mar?), elas também apontam para a perversidade do não acolhimento dessas pessoas.

É com referência à obra de Vélez que Stefania Chiarelli e Kathrin Saringen iniciam a introdução de *Histórias de água: o imaginário marítimo em narrativas brasileiras, portuguesas e africanas*. Como sublinhado pelas organizadoras, as fotografias e os vídeos de Vélez concentram as preocupações que atravessam os ensaios do volume. Tendo os trânsitos como um de seus eixos principais, o livro toma a água como objeto de estudo para entendê-la como espaço político, marcado por assimetrias e violências históricas. Nesse sentido, nas águas analisadas pelos autores, “se movem caravelas da expansão colonialista, canoas indígenas, navios negreiros, vapores de imigrantes, barcas de refugiados, [embarcações] amalgamadas ao contar histórias de sujeitos em deriva” (p. 8).

Histórias de água integra a série *Wiener Iberoromanistische Studien* [Estudos Ibero-Românicos Vienenses], liderada desde 2011 por Saringen, catedrática na área de Lusitanística e Hispanística na Universidade de Viena. A migração já aparecera como preocupação previamente na série em 2021, com o livro *Cinema de migração em língua portuguesa*, organizado por Saringen e Esther Gimeno Ugalde. *Histórias de água* é a primeira colaboração de Chiarelli, professora de literatura brasileira na Universidade Federal Fluminense, com o projeto. Responsável por outras obras sobre literatura e migração, tais como *Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum* (2007) e *Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira* (2016) (este como organizadora ao lado de Godofredo de

¹ Doutorando em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense.

Oliveira Neto), Chiarelli idealizou o colóquio *Histórias de água*² em 2020 no âmbito da Universidade Federal Fluminense. O evento reuniu especialistas de universidades diversas e resultou na publicação do livro homônimo pela editora Peter Lang em 2023.

O título *Histórias de água: o imaginário marítimo em narrativas brasileiras, portuguesas e africanas* anuncia grande empreendimento. O conceito de *água* é abrangente (mar, rio, chuva, para ficarmos nos exemplos mais óbvios) e o de *narrativa* abre o leque do *corpus* para além do literário. Ademais, o subtítulo demonstra a enorme dimensão do estudo ao sinalizar a possibilidade do livro abarcar sete contextos nacionais (o brasileiro, o português e os cinco africanos de língua portuguesa). Tal amplitude é um dos pontos fortes da coletânea.

Composto por ensaios e entrevistas, o livro transita pela literatura, a música e o cinema, pelo contemporâneo e o canônico. A diversidade de objetos analisados impressiona e demonstra o valor da colaboração de pesquisadores de diferentes especialidades. A primeira parte, intitulada “Águas do tempo, tempo das águas”, enfoca obras já clássicas. “A presença do mar em *Dom Casmurro*: filigranas machadianas”, de Sonia Netto Salomão, retoma o romance machadiano pelo ângulo marítimo. Em análise engenhosa, Salomão aponta para as diferentes traduções da frase “*She was false as water*” da peça *Othello* para reler a ressaca dos olhos de Capitu. De acordo com a pesquisadora, a metáfora marítima mais conhecida em Machado tem gênese na frase dita por Otelo a Desdemôna ao acusá-la de não ser confiável. Aqui, a fluidez e mutabilidade da água sinaliza falsidade. Salomão identifica a troca de *water* [água] por *onde* [onda] na tradução francesa da peça shakespeariana para defender a influência da frase nos olhos de ressaca da personagem machadiana. O trabalho da crítica é esmiuçado, envolvendo o levantamento de textos jornalísticos de Machado em que ele menciona o entendimento de onda como “instabilidade dos corações femininos” devido a Shakespeare. Salomão também analisa outras formas em que a água se faz presente em *Dom Casmurro*, apontando-a na paisagem do Rio machadiano e na figuração dos personagens, e explicita como o romance é muito mais marítimo do que aparenta.

“Pode me chamar de água: esquecimento e vigilância na prosa de José de Alencar e Micheline Verunschik”, de Stefania Chiarelli, segue o texto de Salomão. O cânone novamente se faz presente, dessa vez em diálogo com a prosa contemporânea. Chiarelli aproxima *Iracema* e *O som do rugido da onça* para entender como o “romance do século XIX e a narrativa

² As mesas do colóquio podem ser acessadas no canal de *YouTube* do Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense no seguinte link: https://www.youtube.com/watch?v=R4GIV17e4vg&list=PL0Nm6h7HMQy6-LOcF_3YRXCBuOd9AEbc-

contemporânea exploram temas muitos próximos, de violência e migrações forçadas” (p. 34). Para a crítica, a água e a terra surgem em oposição nas duas narrativas. Em Alencar, Iracema é restringida à terra enquanto o mar pertence a Martim. Já para as crianças indígenas raptadas no romance de Verunschik, o mar é espaço de terror. O aspecto mais intrigante da leitura de Chiarelli está no entendimento de insurgência no romance contemporâneo. Na obra de Verunschik, a crítica não vê somente a reivindicação de outra história para além daquela figurada no livro de Alencar, mas também uma narrativa que visa prestar contas. A mordida da onça em Verunschik, portanto, é percebida como alerta de que a cobrança por toda a opressão de povos indígenas chegará. Tal leitura é instigante uma vez que fornece outra dobra para a já comum compreensão de romances sobre minorias como narrativas a contrapelo da história oficial.

O primeiro bloco do livro encerra com “Medeia: a bárbara do Mar Negro”, de Maria Fernanda Gárbero. A discussão empreendida a partir da tragédia grega intriga. A crítica relaciona a obra de Eurípides à exclusão sofrida por migrantes na contemporaneidade, enfatizando que seu olhar para a antiguidade parte do presente e da experiência latino-americana. Apesar de estimulante, é necessário apontar que Gárbero não trata de nenhuma narrativa de país de língua portuguesa no texto. Fora rápidas menções a Camões e Alencar, pouca atenção é dada ao que é produzido nesses locais. A opção de focar na antiguidade, portanto, gera estranhamento considerando o já pouco espaço dado a narrativas africanas de língua portuguesa ao longo do livro.

A segunda parte de *Histórias de água* intitula-se “Memórias negras e o ventre dos navios”, composta pelos textos “Cantos de calunga grande”, de Giovanna Dealtry, “Memórias submersas: o tráfico negreiro como crime fundador da América”, de Eurídice Figueiredo e “Travessias: diáspora e migrância no romance *Por cima do mar* de Deborah Dornellas”, de Rita Olivieri-Godet. O bloco é o mais bem articulado do livro e trata da diáspora negra. Os textos de Figueiredo e Olivieri-Godet, em específico, dialogam de maneira próxima ao analisarem o trânsito de pessoas negras no Atlântico. Figueiredo aborda obras como *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves, *Água de barrica* (2018), de Eliana Alves Cruz, e a trilogia *A alma de África*, de Antonio Olindo, para tratar da figuração da diáspora africana. A crítica examina não só a simbologia do navio negreiro, mas também o aspecto de retorno à África nas narrativas. A análise de Olivieri-Godet de *Por cima do mar* (2018), de Deborah Dornellas, discute questões similares às de Figueiredo. O trauma geracional é central na obra analisada por Olivieri-Godet

assim como o é no *corpus* levantado por Figueiredo. Nesse sentido, pode-se ler os dois ensaios como complementares. O texto de Giovanna Dealtry, por sua vez, volta-se para Clara Nunes. Em uma tradição cultural como a brasileira é valioso pensar a canção como literatura, e Dealtry o faz de modo hábil. De acordo com a crítica, do “álbum Clara (1971) até Nação (1982), a presença da África diaspórica jamais deixou de estar presente no repertório da cantora, muitas vezes provocando o atrito entre musicalidades e temas” (p. 74). Desse modo, o mar é figurado nas canções ligado a elementos culturais diaspóricos, fazendo-se presente nas letras nas imagens de calunga e Yemanjá.

O terceiro módulo de *Histórias de água*, “Águas passadas, as mesmas águas” reúne textos preocupados principalmente com Portugal e África. São eles: “Derivas e desvios: mareando na literatura e no filme português, brasileiro e africano”, de Kathrin Saringen, “Existir em deriva: outras viagens na literatura portuguesa”, de Silvio Renato Jorge e “Relíquias do mar pós-imperial na poesia portuguesa de Ruy Belo a Jorge de Sousa Braga”, de Vincenzo Russo. O capítulo de Saringen destaca-se na obra por tratar de contextos africanos. Para a pesquisadora, o mar é figurado de maneiras diferentes nas tradições portuguesa, brasileira e africanas. Enquanto o país europeu demonstra fascínio pelo mar, ele é idealizado no contexto brasileiro e figurado como lugar de declínio e fracasso nos espaços africanos. O vasto repertório da crítica, compreendendo várias tradições culturais, impressiona e resulta numa leitura proveitosa. Poucos são os textos que aproximam os contextos português, brasileiro e africanos de maneira tão ágil.

Silvio Renato Jorge e Vincenzo Russo formam o par de escritos sobre Portugal. Segundo Russo, a poesia produzida em Portugal nas últimas décadas operou desmitologizações acerca da relação entre a nação europeia e o mar. Entretanto, para o crítico, o mar imperial ainda assombra o discurso público português. Já Jorge foca no exílio de escritores portugueses e na produção de migrantes negros e descendentes em Portugal. Esse último ponto merece destaque ao pensarmos como a escrita migrante desestabiliza os discursos identitários de nações europeias. Jorge aborda o audioblog *Afrolis* e a literatura de Djaimilia Pereira de Almeida no intuito de mostrar como eles “se contrapõem à aparente unicidade do que seriam as formulações culturais compreendidas hoje como portuguesas” (p. 138). Evidentemente, a unicidade referida significa a nação portuguesa como branca. Urge, portanto, pensar o lugar de escritores com ascendência africana nesse contexto. São eles tratados como parte da literatura portuguesa tais quais autores brancos? Ou

usa-se a questão da migração para excluí-los do sistema literário português? Responder a tais perguntas não é o propósito de Jorge, mas não há como ignorá-las na leitura do texto.

O quarto e último bloco, “Mapas de água”, contém ensaios de Adriana Marcolini, Leila Lehnen e Rosana Kohl Bines. Marcolini enfoca os trânsitos de italianos em “Travessias de emigrantes italianos: entre a esperança e a tragédia”. A autora investiga dois textos: o primeiro romance da emigração italiana, *Sull’Oceano*, de Edmondo De Amicis, e a história de Remo, vapor que se dirigiu ao Brasil vindo do país europeu. Similar a Gárbero, espaços de língua portuguesa não são o foco principal da Marcolini. No entanto, a análise do texto da travessia do vapor instiga. A pesquisadora recupera a pouco conhecida tragédia de Remo, marcada por uma epidemia de cólera e a recusa do governo brasileiro de deixar os italianos entrarem no país, e demonstra como tais dramas se aproximam do contexto contemporâneo. Nesse sentido, Marcolini nos faz pensar sobre a hipocrisia de nações que hoje recusam hospitalidade a migrantes quando há pouco mais de um século eram seus nacionais que buscavam asilo.

A água está relativamente ausente em “Ocupações espaciais, ocupações textuais: literatura, heterotopia e o direito à cidade”, de Leila Lehnen. Entretanto, a pesquisadora faz uma leitura perspicaz do romance *A ocupação*, de Julián Fuks. Na análise, Lehnen aponta como discutir a migração contemporânea e o (não) acolhimento desses sujeitos significa falar de direitos humanos. Ainda mais, ela sublinha como Fuks figura a situação de migrantes não só pela chave da exclusão social, mas também pela da resistência. O último texto de *Histórias de água* é “Uma criança foge”, de Rosana Kohl Bines. Evitando a típica estrutura acadêmica, Bines escreve um belo ensaio sobre oito objetos, rotulados como “cenas”, focados na experiência migrante de crianças. Os gêneros tratados são diversos, assim como os espaços evidenciados. Tal pluralidade contribui para a compreensão do quão vasto é o tema da migração na contemporaneidade. O ponto mais forte do texto é a abordagem do deslocamento na infância, temática tão pouco explorada por estudiosos.

Além dos ensaios, *Histórias da água* também contém uma entrevista com Milton Hatoum, sendo o autor um nome importante no cenário literário contemporâneo. A escolha de Hatoum como entrevistado foi astuta, pois sua obra está marcada tanto pela presença da água quanto pela temática da migração. O repertório literário do escritor fica em evidência no diálogo com Chiarelli, sua fala perpassando a produção contemporânea e os grandes clássicos. *Histórias de água* faz relevante contribuição para os estudos sobre deslocamentos. Ao focar a água,

tratando do Mediterrâneo, do Atlântico, do rio Bravo, e tantos outros espaços, o livro traz à tona discussões significantes. Chiarelli e Saringen acertam ao reunir ensaios tão diversos. Se as organizadoras iniciam a introdução do livro fazendo referência a Santiago Véléz, elas encerram afirmando o interesse de construir com o livro um “mapa aquático que acolha vozes diversas, objetos flutuantes e trajetórias extraviadas” (p. 10). Tal mapa é produzido de maneira hábil, sendo a navegação por ele prerrogativa para qualquer leitor interessado.

Referências

SARTINGEN, Kathrin; CHIARELLI, Stefania (org.). *Histórias de água: o imaginário marítimo em narrativas brasileiras, portuguesas e africanas*. Berlin: Peter Lang, 2023.

Recebido em: 15/10/2023; **Aceito em:** 10/12/2023.